

Empréstimo não significa fim da pressão

PAULO SOTERO

Correspondente

WASHINGTON — Reduzir atritos e melhorar o clima para a visita do presidente George Bush ao Brasil, nesta segunda-feira, foi o motivo que levou os Estados Unidos a desbloquear um empréstimo de US\$ 250 milhões do Banco Interamericano de Desenvolvimento ao País, nesta quarta-feira. Mas a aprovação do crédito, que fora adiada para forçar o Brasil a fazer concessões aos bancos na negociação da dívida externa, não significa que os EUA e os demais países ricos diminuirão a pressão.

Ao declarar seu voto, o diretor dos EUA no BID, Larry Melinger, disse que seu governo apoiava o empréstimo de forma relutante, mas considerava "imprudente" a concessão de novos financiamentos ao Brasil até que o governo Collor se entenda com os bancos. O argumento americano é que, com as negociações com os bancos longe de um acordo e tendo já acumulado mais de US\$ 10 bilhões em pagamentos atrasados aos seus credores privados e oficiais, a situação financeira do Brasil é "incerta" e o País poderia tornar-se um risco para o BID.

Os representantes dos demais países industrializados no BID manifestaram posição idêntica. O ocupante de uma das duas cadeiras da Europa na diretoria do BID defendeu "o adiamento de empréstimos adicionais" ao Brasil enquanto não houver um acordo com os bancos. Os países industrializados não são majoritários na diretoria, mas têm votos suficientes para impedir que empréstimos sejam postos em votação.

O diretor brasileiro no BID, Pedro Malan, agradeceu o apoio ao empréstimo e lamentou a posição manifestada pelos países ricos sobre financiamentos futuros. Ele mostrou "grande preocupação" diante da tentativa de envolver o BID nas negociações com os bancos credores.

A disposição dos países ricos de manter a pressão contra o Brasil foi reiterada ontem no Banco Mundial (Bird). O banco, que a pedido do Japão também estava retendo créditos para o País por causa da falta de progressos nas negociações com os bancos credores, aprovou dois empréstimos, no valor de US\$ 450 milhões. Mas os diretores das nações industrializadas no Bird indicaram que não autorizarão mais nenhum outro crédito até que o governo e os bancos cheguem a um acordo.

As possibilidades de isso acontecer logo parecem remotas. Na noite de quarta-feira, o negociador da dívida, Jório Dauster, descreveu a jornalistas um quadro de impasse nas negociações. O obstáculo maior, segundo ele, é a condição que o Brasil estabeleceu de só efetuar um pagamento de juros em atraso aos bancos mediante um acordo sobre o estoque da dívida. Os bancos querem desvincular as duas coisas, mas Jório disse que o Brasil não pode fazer concessões nesse ponto.